

:LEITURAS

■ 11/9 - 3 anos depois

Bruno Cardoso Reis . Investigador Associado, IEEI e King's College, Londres



Ivo Daalder e James Lindsay, *America Unbound: The Bush Revolution in Foreign Policy*. Washington DC: Brookings, 2003.

Uma das melhores análises do que sucedeu à política externa americana com a ascensão de Bush II e da sua equipa. A mudança é bem caracterizada no subtítulo – uma revolução. O argumento essencial é que não foi o 11 de Setembro que provocou esta mudança radical, antes reforçou a visão já prevalecte na Casa Branca de que o mundo é cruel, e a força é o melhor instrumento para lidar com ele. Um livro muito bem informado e muito bem escrito, ou não fossem os seus autores Ivo Daalder, o responsável de questões de segurança na Brookings Institution, um dos principais *think-tanks* de Washington, e James Lindsay, actual vice-presidente do Council on Foreign Relations, e um dos maiores especialistas na formulação interna, ao nível do Congresso e da Administração, da política externa americana. Um livro elogiado por críticos mas também por apoiantes de Bush como Robert Kagan.



Against All Enemies
Inside America's War on Terror
Richard A. Clarke

Um bom complemento para quem esteja interessado em aprofundar a questão da política externa de Bush II é *The Rise of the Vulcans*, de James Mann, uma espécie de biografia política colectiva de Cheney, Powell, Armitage, Rumsfeld, Wolfowitz e Rice, cujas carreiras têm na ligação ao Pentágono o traço comum. A par dos elementos de actualidade há uma história do tempo de Reagan, entre Rummie e Cheney que parece uma cópia do Dr. Strangelove. Há ainda, claro, os dois livros de Bob Woodward, *Bush at War* e *Plan of Attack*. Eles sacrificam a análise crítica ao acesso quase imediato aos protagonistas de eventos contemporâneos, mas desde que lidos com os olhos de um intruso na corte, ciente das regras de Maquiavel, não deixam de ser instrutivos. E sobretudo há *Against All Enemies* de Richard Clarke, para quem quiser

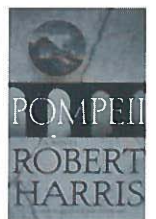
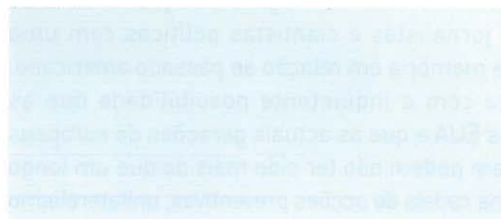
perceber porque é o 11 de Setembro aconteceu e o que é que se podia ter sido feito para o evitar. Um verdadeiro *thriller*, que foi acusado de ser partisan, mas nenhuma das afirmações factuais que aí são feitas foi seriamente abalada.



Philip Gordon e Jeremy Shapiro, *Allies at War: USA, Europe and the Crisis over Iraq*. Washington DC: Brookings, 2004.

Mais um livro da fornada da Brookings, desta vez sobre a crise nas relações entre os EUA e os seus aliados, particularmente a França. Coloca a questão no contexto de tensões recorrentes na Aliança desde 1945, mas para enfatizar que agora se está numa escala diferente. A análise é detalhada, e deixa poucas dúvidas sobre a responsabilidade principal desta crise que começou por uma divergência perfeitamente legítima e se agudizou ao ponto de colocar em risco, segundo os autores, a própria sobrevivência da Aliança. Sem deixar de ser crítico dos franceses, do ponto de vista de um leitor português o livro quase pode ser lido como uma defesa da França, tendo em conta o anti-francesismo primário que tem grassado em Portugal.

Um bom complemento é uma publicação recente do US Institute of Peace, que sobreviveu por pouco ao assalto a este tipo de instituições feito pela administração de George W. Bush. Trata-se de *The French Negotiating Behaviour*, e situa a crise de 2003 também numa perspectiva de longo prazo mas no contexto de uma análise da cultura política e diplomática francesa. Quem quiser perceber o lado britânico pode ler *Blair's Wars*, de Jonathan Kampfner, uma mistura de Woodward e Daalder, agora numa edição em paperback actualizada. E *30 Days*, uma réplica britânica às obras sobre Bush, escrita por Peter Stothard, um editor do *Times embedded* no nº10 de Downing Street durante os meses de Março e Abril de 2003.



Quanto a ficção as coisas complicam-se, porque o tempo escasseia, e estes são livros que não se lêem na diagonal. O último de Robert Harris, *Pompeii*, é um *sic transit gloria*

mundi apreciável, mas nada de comparável a *Fatherland*; provavelmente por perder sempre na comparação com os clássicos, como a *Vida de Agricola* de Tácito, especialmente a parte respeitante à intervenção militar na bárbara Inglaterra/Britannia que desestabilizava a vizinha Gália. E por que não reler *Empire*, de Gore Vidal, que pinta uma imagem magnífica e cheia de ironia de uma Washington dominada pelos muito ricos e pelos construtores de impérios, com um magnata da imprensa e os seus tablóides e um pequeno grupo de falcões Republicanos determinados a expandir o poder americano como personagens centrais. Soa familiar? ■

■ Regresso às origens

